

Maria O'Neill
José Pereira de Lima



CONFERENCIAS



Não Julgarás



Possibilidades
do homem



Às v.ras comp. de
Firmine d'Assumpção Teixeira
e à sua dedicada empre-
saria

Agem

R. 3-39
Ord.-296

Todos os exemplares serão
rubricados pelos autores:

Maria C. Keil

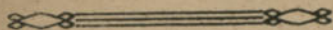
Luiz de Albuquerque
[Signature]

19-1-1931
Belem Paró





MARIA O'NEILL



Não Julgarás



OFERTA

211583

L.
60829

Não Julgares



Nestes exemplos da vida
Repara, caro leitor,
Só vence a lucta renhida
Um puro e sincero amor.

Virya.



Disse S. Paulo:

— “Quanto ao que está enfermo na fé recebeio mas não contendas sobre duvidas. Porque um crê que tudo se pode comer e outro, que é fraco, come legumes.”

E' proprio da natureza humana, quando não analisa esquecer-se de que não deve julgar, condenar pela aparência; e, o que é pior ainda, por se não sentir em harmonia com o modo de pensar.

E olvidando, na prática, êsse Evangelho que teoricamente lembra constantemente para uso alheio, faz dos seus irmãos juizos imerecidos e falsos.

Não julgêmos pois, vou demonstrar por meio de tres apidos exemplos quanto, fazendo-o, procedemos mal para com os outros e para connôco.

Neste mundo de verdades relativas, a que se ascende grau por grau, a verdade dum ainda não é ou

já deixou de ser a verdade de outro e todos estão naquella que está condicionada ao seu estado. E, em vez de se preguntarem o que escreve S. Paulo (— Quem és tu para julgar o erro alheio?) praticam o contra senso de condenarem pelo acto o que preconizam pelo pensamento. Helena P. Blavastky foi uma das maiores capacidades femininas deste século e, á custa de muito sofrimento, de muita amarga e dolorida experiência, conseguiu numa ultima incarnation exceder o que a maioria das pessoas só têm obtido em vidas sucessivas. Ela fumava muito ao cachimbo e todos, principalmente os que mais faltas tinham, a censuravam fortemente por isso. E contudo o Espirito que a doutrinava e guiava tinha-lhe permitido que fumasse!... Aqueles que nunca exigiram nada do seu temperamento impulsivo não calculam quanta força moral, quanta dor intima é necessario suportar, para se dominarem a si proprios e, se a natureza humana é fraca, não se lhe pode pedir tudo ao mesmo tempo, nas exige-se-lhe primeiro o que é mais grave e no fim o que é mais insignificante. Os que censuravam Blavastky de gastar tanto dinheiro em fumo em vez de o dar aos pobres pouco ou nada faziam a favor dos que lamentavam, e ela, numa propaganda activa e constante, não só tinha fundado escolas e hospitaes como procurava conseguir pôr a todo o instante o seu intimo ser em harmonia com a Lei começando pelas cousas importantes para terminar nas que têm menos gravidade. E, enquanto os do Além estavam contentes com o seu trabalho, filho dum gigantesco esforço, os da terra, que lhe aproveitavam os beneficios e não

seriam capazes de tirar de si a terça parte do trabalho que ela fazia só tinham palavras para julgar e condenar, esquecidos do Evangelho que manda *não julgar* e diz que, "*com a vara que medirdes sereis medidos.*"

Enquanto os que só tiveram palavras depreciativas e pedras para Blavatsky nada produziram que se visse, ela, apesar do seu cachimbo, que eu não defendo nem condemno, nem lamento ou aplaudo, dava aos seus sensores, quer no campo teórico quer no prático, exemplos e meios de progresso com essa generosidade dos ricos de coração que os outros não conseguem ofender, não por orgulho, mas porque já têm a justa compreensão das cousas.

Não cometamos o erro de julgar, mas se, com imparcialidade, descermos ao fundo da nossa consciência. "Veremos quem faz diferença dia a dia, mas outro julga iguaes todos os dias." E não ha nisso maldade, mas ignorancia. Ainda os não sabem diferenciar, se soubessem, não teriam sempre o juizo tão pronto. Um tuberculoso agonisava no 3º andar duma casa honesta numa das ruas mais mal conceituadas de Lisbôa. A mulher com quem casara e que estimava imenso era fundamentalmente egoista. Com receio de contrair o mesmo mal abandonou o marido e os dois filhinhos o que ainda veio augmentar o sofrimento do pobre doente que era sargento da aviação maritima.

As himopetises sucediam-se. Uma senhora que se interessava pela sua desventura correu ao apêlo da mãe e vendo a inquietação da sua agonia por pedir que lhe viesse anistir um almirante, pessoa de bondade comprovada, para que as suas promessas de protecção ás criancinhas desamparadas dessem um alivio

aos ultimos momentos do infeliz doente. Em vespervas de casamento, e com negócios urgentes da sua profissão a tratar, o almirante tentou esquivar-se a acompanhá-la, mas quando ella lhe fez vêr o estado de desespero do doente e a conveniência espiritual que havia de que deixasse a terra numa mais dôce disposição de espirito, elle, que era bom, disse aos seus subordinados que não se demoraria e acompanhou-a pressuroso a casa do moribundo. Entraram no pequeno aposento. O doente tinha um aspecto márfineo. Na ausência da senhora dera-se nova himoptise. Apesar de exgotado estava mais serêno.

O almirante sentou-se-lhe á cabeceira do leito animou-o, prometeu olhar-lhe pelos filhos e falou-lhe longamente do Além. Era um bom e um crente. O estertor começou. A senhora e o velho marinheiro, ajoelhados cada qual dum lado do leito, encomendaram silenciosamente aquella alma a Deus. Quando o pobre soffredor soltou o último suspiro abraçaram a velha mãe e retiraram-se. Alguem que os viu entrar para aquella casa espiou a sua saída e depois contava o facto sublinhando maldosamente com um sorriso que os vira entrar pressurosos para um predio na rua de tal, e que, uma hora depois, saíram com um aspecto triste e acabronhado. Era decerto isto ou aquillo.

E quando, dias depois, se declarou o casamento do almirante dizia-se que tinha sido, *sem duvida*, uma quebra de relações.

Não julgêmos, meus irmãos. A maioria das vezes fazê-mo-lo com igual justiça: e, aos olhos daqueles que tudo vêem qual é o papel que desempenhamos?

E para com aqueles que involuntariamente caluniamos que divida contraimos?

Meditem depois longamente sobre este exemplo e escutem outro ainda, também digno de menção:

Diz o Evangelho como ha pouco referi:

“Um faz diferença dia a dia, mas outro julga iguaes todos os dias.”

Augusto e António eram dois irmãos que muito se queriam talvez porque, tendo um por outro uma fundissima amizade, pensavam duma maneira inteiramente oposta. Augusto escolhêra para divisa: *Um dia igual ao outro.*

Antonio: Um dia diferente do outro. Ambos tinham o mesmo fito expresso por formas diversas e, prendendo-se nas palavras, questionaram e arranjaram uma tão interminavel questão que chegaram a estar indiferentes não se querendo cumprimentar e deixando de estender as mãos.

Augusto ao dizer “um dia igual ao outro” pensava tirar de si próprio o maior esforço diáriamente e assim o progresso era certo.

Antonio querendo o mesmo dizia: Se o dia de hoje fôr diferente do outro é porque progredi e quanto mais diversos fôrem para melhor os dias sucessivos, melhor e mais visível é o progresso.

Como vêem a ideia fundamental é a mesma, mas, expressando o pensamento por tão diferente modo, e entendendo as palavras absolutamente á letra estavam num estado de intransigencia verdadeiramente digna de lástima. Um dia, á hora de jantar, entrou-lhes em casa um velho amigo que, notando a frieza dos dois irmãos, perguntou á mãe:

— Porque estão êles assim um com o outro?...

— Não podendo esconder a sua mutua desinteligência explicaram-lhe cada qual o seu ponto de vista.

— Mas vocês estão ambos dizendo a mesma cousa por modos diferentes, afirmou-lhes o velho. Olharam-se pasmados e fitaram com desconfiança o seu dedicado amigo que lhes dava a informação daquilo que, por si próprios, podiam ter verificado se tivessem calma, sangue frio e se dessem ao trabalho de analisar.

Este facto ficou memoravel nas suas consciências comtudo não lhes serviu de emenda porque é frequente ouvirem-nos citar-se mutuamente o Evangelho rubros de colera esquecidos de que, “quando alguém está en-fêrmo na fé” o devemos receber e não contender sobre duvidas!

Nenhum de nós vive para si nem para si morre, nem na terra se liberta inteiramente de egoismo. Se bem analisamos a nossa consciencia vêmos que é muita vez êsse defeito sublimado que nos impele ás mais altruistas acções.

Não julgêmos pois, porque os nossos defeitos podem sêr qualidades ou não segundo applicação que dêles fizermos.

As controvérsias, dizia o grande Lamartine, engendram frequentemente disputas e a intelligência deve ter tambem a sua caridade.

E a dêle era mantida em larga escala. Quando em frente do “Hotel de Ville, num periodo de exaltação revolucionaria, o povo lhe pedia a cabeça em altos gritos, êle, sorrindo calmamente, voltou-lhes: “Creio bem, cidadãos que lhes conviria tê-la sobre os hombros neste instante: procederiam de outra forma.

Esta simples frase dita de sorriso nos labios obteve a transformação no seio turba agitada que riudo dito e levou em triumpho com enthusiasmo irgente aquele que desejava enforçar!

Quem julgasse daquela multidão de aspecto furibundo e instinctos sangrentos poderia supôr que era a mesma que momentos depois enaltecia até ao delirio aquele que tinha querido aniquilar?

De modo algum. E qualquer juizo sobre os dois aspectos porque se demonstrou não seria justo, porque ambos estão em cada sêr, o que é necessario é conseguir-lhes o justo equilibrio deixando ao próprio o direito de se julgar e procurar não vêr o mal para que êle fuja de nós.

Quando nos vem a tentação doentia de avaliar a consciência alheia desçamos ao intimo da nossa e encontrarêmos lá farta matéria de estudo que nos prestará ensejo de desenvolvimento.

E, amando o próximo, com êsse amôr suave e puro que tudo acha natural, porque tudo compreende, emendêmo-nos do erro de julgar não permitindo ao nosso pensamento êsse trabalho nem aceitando a ideia alheia tendente a formar juizos sobre quem quer que seja.

A abstenção é por vezes custosa, vista a necessidade de observação, mas é ela, acompanhada de bons pensamentos, a attitude melhor em taes casos.

Assim o sêr, erguendo-se pelo exame ao Criador, senhor de tudo que existe, diz descendo no amargo da sua consciência.

— Senhor, o que é que eu não terei feito na minha

miséria passada e na presente não poderei ainda cometer?

— Se a tudo estou sujeito como posso condemnar ninguém? Só depois de ter saído da terra, analisando de fóra, vendo o seu intimo e o meio ambiente em que agiu é que o homem se pode compreender a si próprio. Então e *só então* consegue fazer uma ideia dos seus actos. Não sejamos precipitados no nosso próprio julgamento porque podemos também errar contra nós e o que contra si erra não merece o nome de justo. Do mesmo modo que aquele que procura desculpar-se aos próprios olhos justo não é.

Se errar é humano evitar o erro é obrigação e passar além das possibilidades da capacidade, que possuímos deve sêr o fito de todos os que têm sede de vivêr a verdadeira vida.

Lembrados de que “para o seu próprio Senhor o pecador se ergue ou cai” eu penso que, em qualquer attitude, desde que tire de mim o maior esforço, estou no caminho e que “poderoso é o Senhor para nêle me firmar.” Então, sem desfalecimentos, mas repousando de longe em longe uma hora, para concentração das fôrças espirituaes, eu espero chegar onde me propuz porque sabendo e sentindo que como os outros procedi ou procederei, só tenho direito a ter confiança no todo Poderoso para me firmar na fôrça que em todo o sêr reside conhecendo-a necessaria á realisação do seu progresso.

Despindo-nos de tudo que não é essencial na vida, sejamos ricos de alma, entre todas as imensas misérias que nos rodeiam e, simples de coração imensas misérias que nos rodeiam e, simples de coração

e de intenções, saibamos sêr o que sêr devemos: —
*Cumpridores da Lei intima estabelecida pela própria
vontade que sabe que o livre arbitrio termina onde co-
meça o constrangimento alheio.*

Meditem, meus senhores, estas simples palavras
fructos da observação e da experiência: eu serei feliz
se as lições dolorosamente aprendidas pouparem a al-
gum de vós tristezas e dôr.



JOSÉ PEREIRA DE LIMA



Possibilidades do homem



Eu não sou eu | disperso
No cósmico infinito do meu ser,
Eu sinto-me viver
A vida do universo.

("ALMA RELIGIOSA")

A. Correia d'Oliveira



Entregue ao marasmo e á inércia, quasi sempre conducentes á infelicidade, a criatura, desdenhando das grandes forças que se contêm no espirito, cáva constantemente a sua ruina. Succede exatamete a mesma cousa que com as descargas eléctricas na natureza: ha raios que descem das nuvens á terra, e outros que sobem da terra ás nuvens. O homem baixou aqui, ao planeta, para se elevar, mas as seduções da vida exercem nele tal influéncia, que, olvidado do seu verdadeiro trabalho, tomba fulminado pelas nuvens que accumula na existencia, quando, bem ao contrário, podia fulminar servindo-se de tudo que as vidas passadas renniram para o fazer cair, elevando-se acima das suas proprias fraquezas, culminando as nuvens que o asfixiam com a pobreza de oxigénio, tão necessário aos seus pulmões de lutador, que empreendeu levar de vencida as mil contingencias que o destino collocou no

caminho e que o dever lhe diz que deve percorrer como vencedor e não como vencido.

Ulisses, ao passar junto da ilha das Sereias, tapou os ouvidos com cêra, fazendo o mesmo aos seus companheiros defendendo-se assim, com a surdez, dos seus cantos que matavam.

Nós fazemos outro tanto, mas para fim diferente: São os cantos das sereias que nos prendem, amarrando-nos ao seu carro de corrupções, e tapamos os ouvidos á voz forte que se faz ouvir no imo do nosso sêr.

Apanhados na onda irresistivel do esquecimento da nossa individualidade, pouco ou nenhum caso fazemos de acordar para a vida activa do espirito, que, bem aproveitada e conhecida, nos mostraria belezas muito mais verdadeiros do que aquelas atraz das quais corremos como uns insensatos. Depois, sendo a nossa existencia dirigida para o melhoramento individual e coletivo, essa inércia toma a aparência de crime, visto que o sofrimento e ignorancia de uns é sempre devido á culpa e ao desleixo dos outros. Os gregos formando uma mitologia, onde os deuses, as deusas, os semi-deuses e herois, simbolisavam uma qualidade ou um vicio, deram, nessas imagens, e nessas historias, aparentemente fabulosas, a melhor ideia que podia ser das varias correntes que tornam o homem livre e forte, ou o que, soburdinando-se e deixando-se ir no pendor natural, fica, por isso, escravo e preso, ser fraco mais digno de dó do que de indignação.

Mas, vamos ao que me propuz:

O homem, possui, como um grande laboratório, varios materiais quimicos que, misturados e trabalhados deste ou daquelle modo, se tornam materias in-

flamaveis e perigosas, ou remedios que curem as mais rebeldes doenças. Ora depende do modo de manipular estes productos, que nós podemos usar e desenvolver, cada vez mais, as possibilidades curadoras, tornando-nos assim uteis á própria e á evolução dos nossos semelhantes.

Ha um axioma em geometria que diz que para traçar uma recta são indispensaveis dois pontos. Para os marcarmos podemos usar essas duas belas faculdades que nos caracterizam e são, não só as mediadoras do conhecimento, como tambem fazem parte integrante dele: — o pensamento e a vontade.

E' pelo uso inteligente ou ininteligente de ambos que as individualidades se caracterizam, mostrando qual o caminho que percorremos, e se ele é bom, positivo, ou negativo. Ninguem discordará que nenhum de vós vive, para agir passivamente neste ou naquele sentido, e tanto assim é que nos revoltamos quando a engrenagem de qualquer sofrimento ou desilusão nos tritura ou esmaga a alma. Contudo, tendo essas forças á nossa disposição só as pomos em jogo, para nos prejudicar mais, ou ser elemento antagónico para os outros.

O pensamento funciona, segundo o grau de cultura e moralidade que cada um possui, e, desde que seja em maior ou menor grau, temos, por reflexão, a medida da vontade.

Um cleptómano, ao sentir-se impellido para roubar alguma cousa, não lhe resiste porque a vontade está tão pouco desenvolvida, que, o mais que obtem, é leva-ló a envergonhar-se aos próprios olhos quando se sente descoberto. Este sentimento de vergonha denota

que o pensamento, a consciencia, conhecem que pratica um mau acto, mas lembra um carro que tem travões em ambas as rodas, mas dos quais só um funciona e mal, de modo que ao querer parar na carreira declivosa, não o consegue e, além de estar em perigo de se ir estilhaçar lá em baixo, tem a aumenta-lo o sair fóra do leito da estrada, pela falsa direção que lhe imprimiu o outro travão que funcionava mal.

Vejamos o que sucederia no caso contrário: Guiado por mão firme e inteligente, esse mesmo veiculo, sem necessidade de usar peia de especie alguma, aproveitaria a velocidade adquirida para subir a ladeira que se empinava na frente da descida. Além de vencer a distancia, sem receio aos perigos, esses mesmos, como um incitamento, leva-lo-hiam mais longe do que ele julgava poder ir.

Estas possibilidades existem em todas as pessoas, mas deixam enferrujar as peças desse magnifico maquinismo, as suas faculdades, resultando que, quando as querem usar, elas emperram e nada mais obtêm que esforços inuteis.

Disso temos nós um exemplo bem flagrante, quando sonhamos que somos perseguidos por alguem, e quanto mais lhe queremos fugir, encetando uma carreira furiosa, mais constantemente caímos, sentindo as pernas pesadas como chumbo.

Ao acordarmos com a respiração ofegante, ficamos satisfeitos por ver que tudo era mentira, e tornamos a adormecer, suspirando aliviados e murmurando:

— Felizmente era um sonho!

Pois, não é tanto sonho como parece, porque, diariamente, notamos a verdade desse facto, sentindo-nos

incapazes de resisitir ás mil perseguições que frequentemente encontramos pelo caminho, covas m que tropeçamos e caímos numerosas vezes.

— Pois que devemos fazer, perguntam, se as tentações se multiplicam.

O mesmo que fazem os nautas experimentados: fugir, defendendo-se dos escolhos, não por covardia, mas porque sabem que se o seu navio fôr bater neles, têm o perigo de naufragar, sossobrando pela ignorancia, pouco cuidado, ou falta de atenção do homem que vai ao leme. E' esta atenção de todos os factos, das mais pequenas cousas da vida, que nós devemos empregar, pois a sua falta implica sempre um grande desastre. O pensamento como guia, a vontade como piloto, a atenção como bitácula, para ter sempre a bussula bem ante os olhos, a maxima perfeição como norte, e jamais o barco se perderá no infinito oceano da vida, porque possuirá todos os requesitos indispensaveis para bem navegar e atingir o porto com felicidade e segurança. Mas, diz Victor Hugo, com muita razão:

— Ai! de nós! é-nos necessária a queda que sem isso não é completo o destino!

De facto assim é. O homem precisa primeiro atravessar muitas modalidades, conhecer muitos fracassos, cair varias vezes, para depois, consciente, e conhecedor de *quanto custa a siência da vida*, poder aproveitar os frutos depois de sazoados.

Para mais perfeita se tornar a esplanção, cabal e clara, vou sintetisa-la numa breve historia:

O comandante de um vapor, habituado a percorrer as aguas da Europa, foi um dia contratado para

fazer uma viagem aos mares austrais. Fornecido de mantimentos, armazenados os instrumentos e sobreca-lentes, e tendo a bordo uma campaha constituida por fortes e experimentados marinheiros, dispunha-se a partir, quando um desconhecido veio solicitar-lhe uma entrevista. Concedida, o capitão interrogou-o e qual não foi a sua admiração quando ele lhe disse: — Tendo conhecimento de que se dirige para o sul, venho pedir-lhe para me levar a bordo, pois pode precisar, nessas paragens, de mais um homem.

— Mas, já tenho a tripulação completa, e não sei quem o senhor é.

— Não importa um homem de mais, mas sim um de menos, e, quanto ao que sou, basta que lhe diga que fui marinheiro e que esses lugares não me são desconhecidos.

O commandante pretendeu furtar-se a leva-lo, mas havia tanta insistencia, um tal tom de autoridade convincente, que por fim cedeu.

O vapor saiu do porto, approando ao sul, e algumas horas depois navegavam em pleno oceano. Estando todos os logares tomados, e não sabendo o que lhe devesse mandar fazer, o capitão decidiu observa-lo, sem lhe designar nenhuma occupação.

Os dias seguiam-se monotonamente, sempre nos mesmos serviços, e apesar da viagem ir em mais de meio, nunca houve nada que dizer do comportamento e da attitude do desconhecido, que passava as horas olhando ora para o mar, ora para o céu, pondo principlmente a sua attenção na leitura do ponto, feita diariamente pelo commandante; ao ve-lo empunhar o sextante, o seu olhar era mais penetrante, tanto, que al-

gumas vezes elle se sentiu incomodado com tanta fíxidez.

Em certa ocasião, que lhe pareceu vêr um vislumbre de insolencia, na prega que lhe franziu os lábios, não se poudo conter que lhe não preguntasse a razão do seu incomodo sorriso. Placidamente, o marinheiro respondeu-lhe, apontando para os cálculos que ele tinha feito :

— Sorrio-me porque notei que o senhor se enganou em alguns segundos nas coordeadas que acaba de tirar.

Despeitado, o capitão, não lhe respondeu, e pôz-se a verificar se era verdade o dito do homem, e, furioso, teve que concordar que tinha errado.

Quando se ia a retirar dali, o outro voltou-lhe ainda :

— Não se arrelie comigo, senhor, porque esse engano podia muito bem ser-lhe faltal. As costas, nesta altura, são erriçadas de perigos, por isso, todo o cuidado é pouco.

— Muito abrigado, respondeu-lhe, mas já sou velho para receber lições, seja de quem fôr.

Ficou por aqui o incidente, e a vida de bordo continuou pacata e simplesmente, até que a diminuição de temperatura veio ser uma novidade para as conversas dos marinheiros. Algumas milhas andadas nessa zona, o tempo começou a tornar-se borrascoso, e á cautela ninguem deixou os postos que lhes estavam confiados durante varias noutes, tantas, quantas o máu tempo se manteve. As condições atmosféricas modificaram-se, e tanto o comandante como a tripulação aproveitaram essa bonança para descansr das fadigas

de uma luta bastante demorada. Só não o fez, o marinheiro desconhecido, que, continuou observando atentamente o céu e o mar, indo, repetidas vezes, lêr a depressão do barómetro.

Chegou a noite. O entardecer fôra maravilhoso. O sol, encoberto ainda por algumas nuvens, espalhou no ultimo reflexo, um gigantesco leque de luz, que se sumiu pouco após, no borbuhar da espuma das vagas longinquas, como se o seu globo incandescente se tivesse afundado no mar, fazendo-o ferver.

Algumas estrelas pontilhavam o céu, as quais eram de vez em quando escondidas pelos nimbos que corriam no espaço. Não havia lua. O barco, trepidando, avançava, levemente agitado pelas ondas, movimento que tornava mais profundo o sono da marinhagem habituada a viver embalada pelo elemento liquido.

Porem, as nuvens, acumulando-se, foram apagando a luz desses pequeninos luzeiros, cobrindo pouco a pouco todo o horizonte. Uma grande calma desceu sobre o oceano, calma e silêncio, no meio dos quais se notava unicamente o arfar do navio que continuava avançando galhardamente.

Vendo qualquer cousa de estranho nesta mudança, quasi brusca, o ultimo tripulante foi até junto do piloto que, agarrado ao leme, tentava resistir ao sôno, dizendo-lhe:

— Vai avisar o official de quarto que o tempo mudou e temos vendaval pela prôa. Vai, que eu fico aqui até voltares.

Arrastadamente, o outro foi dar o recado, que o

official ouviu abrindo um olho só, voltando-se para a parêde.

— Olha que êle não fez caso, continuou dormindo como estava, e mesmo não deve haver nada de perigoso, retrucou o piloto, pegando novamente no leme.

O desconhecido afastou-se, resmungando e ficou na coberta, encostado a amura, quêdo e calado, como uma esfinge ou um fantasma. As horas correram, o sino soou sonolentemente, porem, nada o tirou daquela imobilidade.

Só quando um solavanco brusco fez adornar o navio, é que deu algum sinal de vida, tornando a cair depois no mesmo marasmo.

Inquieto, o comandante acordou e veio para cima, pondo-se a observar os dois elementos. Chamado novamente o official, êle veio desta vez, ainda com os olhos inchados, e foi-lhe ordenado que tivesse todos a postos. Uma segunda sacudidela fez tremer o casco do vapor ao tempo que um raio fulgurava sinistramente. Foi o inicio da dança mais macabra que se pode imaginar. O barco, saltando como uma péla, com a hélice fóra de agua, não avançava nem uma polegada. O vento soprando da prôa, antes o fazia recuar. As vagas levantando-se alterosas, varriam o convez, e, se não fóra o cuidado de fechar as escotilhas, os porões teriam sido invadidos. O vento percorreu todos os quadrantes, e por um impeto irresistivel levou a embarcação diante de si numa velocidade doida. As maquinas tornaram-se impotentes para resistir á fúria da tempestade, o leme desobedecia algumas vezes. Contudo, correram, confiantes que teriam o mar imenso na sua frente e que nenhum obstaculo se viria

opor, tornando eminente algum desastre. Enganava-se todavia o crédulo piloto, e só o reconheceu quando, no meio dum inferno, ouviu um barulho mais violento, vendo naquela confusão uma orla branca mais pronunciada.

O homem do leme, adormecendo, seguira rumo diferente. Naquela carreira desabalada, o comandante teve receio, e, sem saber o que dizia, de ordens disparatadas, que nunguem cumpriu, presos do estupor do medo da morte, que lhes aparecia inesperadamente. Foi nesta altura, que o desconhecido se descolou, é o termo, do canto onde tinha estado, e sem mais transição, afastou o capitão, empunhou a roda do leme, ordenando ao pessoal das maquinas a manobra de ré, a toda a força. A sua voz soou autoritária vibrante como um clarim, despertando os tripulantes do terror em que estavam imersos. Um esforço gigante se manifestou na sua fisionomia. Os olhos brilhavam mais do que os zig-zags dos relampagos; o tom imperativo da sua voz era irresistível, e, digno batalhador, parecia desafiar tudo com o olhar de aguia. A luta do homem com os elementos estava travada. De um lado a força cega, bruta, inexorável; do outro a inteligência pujante, vibratil, medindo todas as probabilidades, unida a uma vontade de aço, inquebrantável, ordenando á vitória que lhe pertencesse.

Quem venceria? O mar, os ventos, a morte, que se aproximava mais e mais, ou aquele homem, quasi só, dominando, fascinando os outros, com um olhar, profundo qual o de um domador.

Ninguém saberia dizer-lo. O vento não diminuia, as maquinas esguichando vapor, faziam mover a helice

vertiginosamente, pondo-a em perigo, quando o fazia fóra de agua. Como um cavallo selvagem não parou quando o cavaleiro puchou a redea, mas, sentindo um homem no seu dorso, resistiu menos, e por fim obedeceu; atroando os ares com os seus guinchos desesperados.

Um trovão tonitroante ribombou, ensurdecedor, mas o desconhecido, como que pregado ao solo móvel, a que se apoiava, nem pestanejou. Era êle o vitorioso! Os cachopos ficaram muito para traz, e guiado por mão firme, foi, de *guiado* pela cegueira, seguindo a direcção que o homem formidavel lhe queria dar.

A tempestade terminára. Quando um pouco de lucidez acudiu áqueles cérebros, todos os olhos se dirigiram para a criatura que os salvara. O capitão, chorando como uma criança, abraçava o indomavel piloto, que, indifferente, voltara á placidez costumada.

— Quem sois? interrogou êle.

— Comandante como vós, naufragado muitas vezes nestes mesmos mares. Mas tinha feito o voto de vencer um dia, e hoje, ele está cumprido. Nada mais me resta.

Das outras vezes fui dominado pelas circumstancias, desta vez dominei eu. Isso me basta.

Olhando-o admirativamente o capitão não cessou de lhe prestar todas as honras e atenções até que a viagem terminou, e não foi sem desgosto que o viu afastar-se no ultimo adeus que lhe disse, na volta ao porto de onde havia partido

Eis aqui bem patente, o exemplo da nossa vida. Uns são exactamente como o primeiro que desdenha dos conselhos julgando já não precisar deles; o outro

é, o que sempre atento, *porque já naufragou*, não cessa de olhar com cuidado para os parceiros que infestam as litorais da vida. O primeiro, jactancioso, só abre os olhos, depois de ver o perigo e desde então, aceita os avisos que evitam os desastres que o segundo experimentado e sabedor, sabe prever e afastar com um gesto. Certos de que temos todas as possibilidades para compreender e viver nobremente a vida, o espaço de tempo que aqui passamos, como depois, desenvolvemo-las subtilisemo-las, e engrandecendo-nos e melhorando-nos, podemos ter a certeza que sairemos imunes dos inumeros combates e vendavais da existência, pondo todas as nossas faculdades, todos os nossos conhecimentos e experiencias, ao serviço da humanidade sofredora que, cegamente, caminha para o abismo, tendo dentro de si a bussula que a poderá levar á eterna perfeição, á suprema felicidade!





Os papéis antiquados, que já tiveram
sua época, são como um cavalheiro
que anda mal vestido...

MODERNISE OS !
SEUS IMPRESSOS

a Typographia do Commercio
CUIDA-LHE DISSO.

SABE CRIAR MARCAS,
APERFEIÇÃO E EXE-
CUTA CORRECTAMENTE
TODOS OS TRABALHOS.

Belem-R. Gaspar Vianna, 46-Pará
(Antiga Rua da Industria)

Telephone 196